



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS DO SERTÃO

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MAERLA MOREIRA SILVA

A CONDIÇÃO DA MULHER NA REVOLUÇÃO RUSSA

DELMIRO GOUVEIA/ AL

2019



MAERLA MOREIRA SILVA

A CONDIÇÃO DA MULHER NA REVOLUÇÃO RUSSA

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História
pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Eltern Campina Vale.

DELMIRO GOUVEIA/ AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

B333a Batista, Maerla Moreira Silva

A condição da mulher na revolução russa / Maerla Moreira Silva
Batista. - 2019.
29 f.

Orientação: Prof. Dr. Eltern Campina Vale.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de
Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2019.

1. História – Rússia. 2. Revolução russa. 3. Política e governo. 4.
Historiografia. 5. Mulher. 6. Direitos da mulher. 7. Gênero. I. Título.

CDU: 94(47):347.156



Folha de Aprovação

MAERLA MOREIRA SILVA BATISTA

A CONDIÇÃO DA MULHER NA REVOLUÇÃO RUSSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História, em 05 de Setembro de 2019.

Prof. Dr. Eltern Campina Vale (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Banca Examinadora:

Prof. Msc. Ana Margarida Pereira - (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Prof. Msc. Sergiana Vieira dos Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão

Ao meu filho e a minha mãe, as pessoas mais importantes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Antes de agradecer a qualquer pessoa, até mesmo a mim, agradeço a minha mãe por todo apoio desde o início. Por sempre me incentivar, nos momentos que pensei em desistir (mais especificamente, todos os dias da graduação), me dar apoio cuidando do meu filho nos momentos de correria, nas noites de estudo, entre tantos outros. Por sempre acreditar que eu era capaz de concluir um curso superior. E mesmo não tendo muita noção do que se passa dentro da universidade, sempre entendeu como essa fase era importante para mim. Meu muito obrigada, todo meu amor e gratidão.

Ao meu filho, maior motivo para prosseguir e concluir essa etapa. Pelas noites em claro em que precisava deixá-lo no berço e estudar, pelos dias de correria em que não podia estar com ele em casa ou nos momentos importante da sua vida escolar. Foi por você, foi por nós.

Agradeço a Helder, pelo apoio e sustento todos esses anos. Por sempre estar disponível para me auxiliar, correr atrás de tudo comigo e por mim. Por entender, que em muitos dias, inclusive nos fins de semana, eu precisava estudar em vez de me divertir com ele e nosso filho. Por segurar a barra sempre que eu me ausentava de casa. Sem ele, todo esse caminho teria sido mais árduo. Para além de tudo, meu muito obrigada e meu amor. Tenha certeza que pode contar comigo para tudo, sempre!

As amigas e amigos dentro da universidade, que estudaram ou não comigo, mas que fizeram parte do meu processo evolutivo como estudante e como ser humano. Millena, que esteve comigo no início do curso e após isso. Meu muito obrigada pelo apoio como uma amiga importante que me viu desistir e voltar a UFAL, até conseguir terminar esse bendito TCC.

Ao meu grupo do coração “Causos da Sofrência” e as minhas manas maravilhosas. Brígida, mãe zelosa de aruãzinho, “good vibes” e sereia mais encantadora. Érica, a veia dos gatos, a loka dos cuidados com a pele. Sua inteligência me inspira sempre, minha amiga A Livia, minha vivinha linda e doce (e mais doce ainda por seus docinhos deliciosos), meu presente da universidade para a vida. Que com seu jeitinho atrapalhado e espontâneo, conquista a todos. Marina, a bruta mais doce das manas, que com sua sinceridade, maturidade e um tiquinho de deboche conquistou minha amizade e amor. Samyres, nossa estilosa. Sempre de bom humor. Doce, mas ao mesmo tempo forte e muito inteligente. A Tamires, com seu sorriso iluminado de amor, mana forte, conselheira, trabalhadora, sem papas na língua. Você é inspiração para todas! E finalmente, nosso xodó, Eduarda. Nossa “come-come da estrela”, que

com seu jeitinho tímido e bravinho, sempre esteve comigo, meu muito obrigada!

Aos companheiros do NUPEAH, José, Carla, Henrique, Ingrid e Tati, pelas palavras de incentivo, pelas risadas e por todas conversas sinceras, que sempre me tranquilizavam. Entre tantos outros que fazem parte desse núcleo tão importante que contribuiu imensamente para minha formação. Ao professor Flávio, coordenador do mesmo, que apesar com seu jeito debochado e irônico, sempre me incentivou (até com suas futucadas nas minhas costelas). Muito obrigada por todas as palavras de incentivo e contribuições.

Ao meu grupo lindo e diverso “Rolezeirxs”, que conta com pessoas maravilhosas de todos os estilos. Sara, nossa “Juju trevosa/Maluca dos signos”, Mara, uma mulher incrível e Rômulo, o engenheiro mais de humanas e amorzinho que já conheci.

Ao Abí Axé, grupo do qual fiz parte por dois anos e que na figura do professor Gustavo, me ensinou valores humanos, como trabalhar em grupo, ouvir antes de falar e respeitar acima de tudo. Ensinaamentos esses que levarei para o resto da minha vida.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela pessoa que me tornei. Por todas dificuldades que passei e momentos em que fraquejei, mas não desisti. Esses me fizeram mais forte, mais confiante e me mostraram a capacidade que tenho para enfrentar não só uma vida acadêmica, mas a vida e o mundo lá fora.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a participação e a conquista de direitos femininos durante a Revolução Russa. Parte-se do interesse em refletir sobre como a revolução proporcionou à mulher a tentativa de superação da desigualdade e opressão em relação ao homem. Assim como sua situação na sociedade, na família e no trabalho. Analisando o acontecimento pelo olhar da mulher, sua tentativa de independência e amor livre. O artigo pretende abordar como as tarefas domésticas atreladas apenas a figura feminina impossibilitam a mulher conquistar isonomia econômica e igualdade de direitos.

Palavras-chave: Mulher. Revolução. Direitos femininos

ABSTRACT

This work has as objective discuss the participation and achievement of women's rights during the Russian Revolution. Part of the interest in reflecting about how the revolution gave the woman the attempt overcoming inequality and oppression in relation to man. As well as your situation in society, family and work. Analyzing the event by woman's look, your attempt at independence and free love. The article aims to address how domestic tasks linked only to the female figure make it impossible for women to achieve economic equality and equal rights.

Keywords: Woman. Revolution. Women's rights

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. A mulher entre 1900 e 1917 e sua luta por direitos.....	5
2.1. A mulher na historiografia: dos silêncios ao protagonismo temático.....	6
2.2. Luta por direitos: do Século XIX as bordas da Revolução Russa	8
3. A Mulher na Revolução Russa: História e Historiografia.....	12
4. Considerações finais	20
5. Referências Bibliográficas:.....	22

1. Introdução

Em 1917, ainda sob a Primeira Guerra Mundial, a Rússia viu eclodir aquele que seria um dos eventos de maior impacto político no século XX: A Revolução Russa. Diante do cenário de instabilidade, crise política, econômica e turbulências sociais que já datavam desde 1905, os trabalhadores urbanos e rurais, iniciaram um movimento amplo pela derrubada do Czar Nicolau II. Auxiliado por destacados intelectuais, a saber, W. Lênin, Trotsky e outros, a Rússia experimentou um processo histórico singular. Reverberando politicamente em outros cenários e espaços posteriores, enquanto referência política revolucionária.

Dentro deste contexto, foi preponderante o protagonismo e a participação das mulheres. Assim, a conquista de direitos femininos durante a Revolução Russa e a luta por direitos entraram em pauta. Partindo da reflexão sobre como a revolução proporcionou à mulher uma agenda que levasse à superação da desigualdade e opressão em relação ao homem, o papel desempenhado pelas mulheres russas também foi crucial.

Este artigo, assim sendo, também pretende abordar como as tarefas domésticas atreladas apenas à figura feminina impossibilitaram a mulher de alcançar uma autonomia, que na conjuntura dos anos 1910 e 1920 ainda caminhava a passos lentos. A Revolução Russa será importante, posto que a Rússia pós-1917 será um dos primeiros países a levantar a pauta dos direitos femininos. Esta pesquisa se distancia do espectro da associação da mulher sem protagonismo político, alçando a condição de cuidar do lar, dos filhos e marido. A posição de subalternidade por estes discursos foi prontamente rechaçada pelas primeiras feministas, a saber, Clara Zetkin¹.

Utilizando uma metodologia baseada em revisões bibliográficas, pretende-se historicizar o papel fundamental das lutas por direitos pré-1917 como sendo fundamental para o debate pós-revolução. O recorte espacial deste trabalho será a Rússia e a Europa ocidental.

2. A mulher entre 1900 e 1917 e sua luta por direitos

No que se refere a mulher e seu protagonismo histórico, no decorrer do século XX se observou uma preocupação em fazer dela não só parte deste processo, mas sujeito da sua própria história. Saindo da esfera doméstica e destacando como a mulher foi sendo

¹ **Clara Josephine Zetkin**, nascida *Eißner*, (Wiederau, 5 de julho de 1857 — Arkhangelskoye, 20 de junho de 1933) foi uma professora, jornalista e política marxista alemã.

incorporada no terreno da historiografia e suas principais contribuições.

2.1. A mulher na historiografia: dos silêncios ao protagonismo temático

As mulheres, na historiografia, foram durante certo tempo invisibilizadas enquanto protagonistas da História. Recentemente, há uma ampla e intensa produção historiográfica em torno da trajetória e experiência de mulheres nos processos históricos. Sua luta por direitos possui diversos marcos na conjuntura dos anos 1900 a 1920, anos-chave para a exposição mundial de uma agenda de defesa de direitos.

De acordo com Joan Scott², a partir do momento que as mulheres reivindicaram as rédeas da sua própria história, o movimento feminista se afastou da política e se aproximou do gênero, de fato, como separação dos sexos. E decidiram que esse campo de estudo merecia seu próprio espaço. Essa mudança gerou dúvidas quanto à legitimação do movimento feminista. Como ele manteria suas pautas autênticas com as mulheres saindo da política e indo para a discussão de gênero:

Embora a história das mulheres esteja certamente associada à emergência do feminismo, este não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado³.

Tornando-se um campo de estudo, a história das mulheres começa a ser refletida não apenas politicamente, mas começa a se relacionar com o que as mulheres realmente vivenciaram, sua posição durante a história, e com o movimento feminista. Sua existência se fará presente e será analisada academicamente e socialmente.

Segundo Rachel Soihet⁴, a história viveu uma reviravolta quando os grupos sociais até então silenciados começaram a ser vistos, sobretudo os estudos acerca das mulheres. Embora as mulheres não tenham sido rapidamente incorporadas na historiografia, as suas questões foram sendo incluídas nas pautas feministas, levando em consideração suas

² SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução Magdalena Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 66-67

³ Ibid., p. 67-68.

⁴ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In.: **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia** / Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro : Elsevier, 1997 – 14^o Reimpressão. p. 275

múltiplas identidades. Conforme a mulher vai apoderando-se dos espaços públicos até então masculinos, ocorre um estremecimento na história.

O desenvolvimento da história das mulheres, articulando às inovações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar à pesquisa de inúmeros temas. Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros.⁵

Segundo Joan Scott, a partir de 1960 ativistas feministas começaram a reivindicar uma história que tornasse a mulher heroína de seus próprios feitos. Já nos finais da década de 1970, essa questão da vida das mulheres ganhou fôlego com a documentação dos aspectos de vida femininos. Já em 1980, a história das mulheres como um campo de estudo rompeu com a política, se aproximando da questão de gênero.

A questão feminina sai do silenciamento e a mulher começa a questionar seu lugar na historiografia. Contestando a posição do homem como única figura responsável pela representação social na História. Onde os temas femininos deveriam ser postos em discussão e o fim do estereótipo que a mulher deve aceitar as tarefas que lhe são colocadas como uma coisa natural e não imposta culturalmente:

Aos poucos, a produção e fixação de tendências feministas na produção acadêmica, principalmente a partir da segunda metade da década de 90, torna-se irrevogável e acelera o ritmo de recuperação da presença, dos papéis e das percepções das mulheres sobre e na história⁶.

Foi se tornando perceptível a participação da mulher na produção historiográfica, deixando claro que sua colaboração possuía um cunho positivo e enriquecedor para o campo das Ciências Humanas. A mulher buscava trabalhar como as questões de gênero e separação de sexo influenciavam na sua participação efetiva para a construção de uma sociedade produtiva.

De acordo com Michelle Perrot⁷:

O volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres variam conseqüentemente ao longo do tempo: Eles são por si mesmos índices de sua

⁵ Ibid., p. 280

⁶ CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em Ação: Revoluções, Protagonismo e Práxis dos Séculos XIX e XX**. Proj. História, São Paulo, (30), jun. 2005. p. 255

⁷ PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História** / Michelle Perrot; tradução Viviane Ribeiro. – Bauru, SP : EDUSC, 2005. p. 13

presença e sinal de uma tomada da palavra que se amplia e faz recuar o silêncio, às vezes tão intenso que chegamos a nos perguntar: "Uma história das mulheres seria possível?"

Esse questionamento, colocado por Michelle Perrot, deixa claro como ainda é necessário discutir a relevância das produções femininas. Como o aumento nas elaborações de obras por mulheres cresce e cresce mais ao passar dos anos. Visto que a mulher está cada vez mais inserida em diversas áreas de estudos. Desde às Humanas até às Exatas, a mulher reivindica seu lugar e se mostra capaz de executar qualquer tarefa que lhe é imposta.

2.2. Luta por direitos: do Século XIX as bordas da Revolução Russa

Nesse enredo revolucionário, é válido destacar o protagonismo histórico de duas autoras e defensoras dos direitos femininos, sendo elas Mary Wollstonecraft⁸ e Nísia Floresta Brasileira Augusta⁹. Que embora tivessem vivido em séculos diferentes, tinham o mesmo propósito. Num contexto historiográfico em que os homens são a única figura representativa, surge no Brasil a imagem da educadora Nísia Floresta. De acordo com Araújo, “Nísia Floresta ‘pesa’ a utilidade da mulher na sociedade brasileira e destaca as virtudes tão importantes à sociedade, que são comumente desvalorizadas pelos homens¹⁰.” Com seus trabalhos pioneiros no Brasil sobre a condição da opressão da mulher na sociedade e direito à educação feminina:

A sociedade patriarcal que contextualizou a vida de Floresta permitiu que ela se tornasse uma porta-voz do sexo feminino que se via relegado a um segundo plano e vendo seus direitos serem flagrantemente violados. De modo geral, verificamos que a escritora, educadora, mãe e esposa tornou-se uma referência para divulgar e delatar os diferentes propósitos então vigentes, norteados pela dominante presença do homem. Além disso, via nos menos favorecidos a mesma prerrogativa que era imposta às mulheres.¹¹

Mary Wollstonecraft, apesar de estar em outro país e outro século, se encontrava em um momento histórico semelhante e se debruçava sobre a mesma reflexão: o papel da mulher na sociedade e o caminho pelo qual ela buscava sua independência. Sua obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, é considerada um marco do feminismo, pois foi escrito em um momento próximo à Revolução Francesa, onde as mulheres tiveram seus direitos excluídos da conhecida declaração dos direitos dos homens e dos cidadãos.

⁸ Escritora Inglesa (1759-1797)

⁹ Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, escritora brasileira (1810-1885).

¹⁰ ARAÚJO, R. **Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas**. Revista Água Viva, v. 1, n. 1, 14 abr. 2011. p. 5.

¹¹ ITAQUY, Antônio Carlos de oliveira. **Nísia Floresta: ousadia de uma feminista no brasil do século XIX**. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, 2013. p. 60

Mary Wollstonecraft tinha sua militância enraizada nos problemas enfrentados tanto em sua vida familiar, onde cresceu sob os abusos de seu pai, como em sua vida pública, onde ela presenciava uma sociedade onde as mulheres observavam seus direitos serem violados constantemente¹²:

Extremamente revolucionária para a época, a Reivindicação foi traduzida para vários idiomas, tornando-se um referencial teórico para outras mulheres, precursoras do feminismo contemporâneo. O texto trata da condição de opressão da mulher na sociedade inglesa num período histórico marcado pelos ideais iluministas e pelas profundas transformações que o capitalismo industrial traria para o mundo. E, apesar da distância histórica que diferencia a situação das mulheres de hoje em relação à realidade de Mary Wollstonecraft, a luta pela igualdade de gêneros continua atual.¹³

Embora as duas autoras estivessem inseridas em países diferentes, é inevitável perceber que ambas discutiam os mesmos questionamentos. Araújo, diz que *“enquanto Wollstonecraft clama pelo direito à educação das mulheres, o Brasil contava com uma estrutura educacional totalmente incipiente.”*¹⁴ Nísia buscava uma educação para as mulheres em uma sociedade essencialmente voltada para a formação masculina. Ainda segundo Araújo, *“Não bastava o clamor pelo acesso à educação restrita aos homens, pois, em nosso contexto, nem sequer existia um sistema educacional consolidado como o da Europa.”*

É importante ressaltar que, sobre a mulher, foi construída uma imagem e discursos que a colocariam sob o manto de submissão e ausente de direitos. Segundo Cecília Toledo, *“a mulher nasce e é educada para ser oprimida, para saber ‘o seu lugar’ no mundo, que é sempre, em qualquer âmbito, um lugar subalterno”*¹⁵. Assim, a mulher no Ocidente foi forçada historicamente a este papel de subalternidade em relação ao homem.

Ao discutir a condição feminina, é preciso contextualizar historicamente não somente na Rússia – espaço eixo das reflexões deste artigo - mas é necessário fazer um prospecto geral da situação das mulheres, principalmente em regiões que foram afetadas pela industrialização. Desde o processo da primeira Revolução Industrial, o trabalho alçou a mulher enquanto força

¹² WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação do direito das mulheres** [recurso eletrônico] / Mary Wollstonecraft ; tradução Ivania Pocinho Motta. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo : Iskra, 2016. recurso digital p. 11

¹³ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: **Reivindicação do direito das mulheres** [recurso eletrônico] / Mary Wollstonecraft ; tradução Ivania Pocinho Motta. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo : Iskra, 2016. recurso digital. p. 9

¹⁴ ARAÚJO, R. **Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas**. Revista Água Viva, v. 1, n. 1, 14 abr. 2011. p. 5

¹⁵ TOLEDO, Cecília. **Reflexão sobre a Origem da Opressão da Mulher**. In: Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: 2º edição. Sundermann, 2008. p.23

de trabalho desprovida de direitos na sociedade nascente capitalista. O núcleo familiar, seria, portanto, mão-de-obra fundamental para a produção industrial:

A situação da mulher no mundo do trabalho – tanto do trabalho social quanto do trabalho doméstico – deixa claro como o problema da sua opressão é um problema de classe, um problema do capitalismo. A entrada em massa da mulher no mercado de trabalho se deu durante a chamada Revolução Industrial, na Inglaterra, entre 1770 e 1830. Além de ter marcado a introdução da maquinaria no processo de produção de mercadorias e concentração de grandes contingentes de trabalhadores nas fábricas, a Revolução Industrial marcou a introdução da família na engrenagem de produção, transformou a mulher em força de trabalho, fez dela uma operária.¹⁶

A mulher, neste cenário, seria para além do trabalho em fábricas, a que estaria condicionada a cuidar do lar, filhos e do marido. No século XIX, com a chegada da industrialização, a força de trabalho da mulher foi sendo necessária e, com isso, sua inclusão nas fábricas foi sendo feita. Mas isso não foi garantia de que seus direitos seriam respeitados ou iguais aos dos seus companheiros de trabalho.

A questão das tarefas domésticas estarem associadas à mulher se refere à inferioridade que essas atividades representam, enquanto o papel do homem está associado ao sustento do lar, nas fábricas, o que é considerado exclusivamente produtivo. Desde a infância, as ocupações femininas são tidas como supérfluas, enquanto os meninos devem ocupar seu tempo com coisas importantes e desprezar as atividades das mulheres:

A questão não é que esse trabalho seja inerente à esfera das mulheres, mas sim que o marido precisa trabalhar durante a maior parte do tempo fora de casa para garantir o sustento. Enquanto isso acontecer, haverá algum fundamento para que as tarefas de casa sejam realizadas exclusivamente pelas forças femininas. Mas, à medida que a mulher é cada vez mais forçada a também se dedicar a assegurar seu ganha pão, os afazeres domésticos tomam um tempo adicional, e não é justo que os homens não contribuam para sua realização. Da mesma forma, se a profissão do marido permite que ele tenha muito tempo livre, não é justo que ele considere indigno se dedicar ao trabalho doméstico em pé de igualdade com a esposa¹⁷.

A Revolução Industrial foi caracterizada como um processo de modernização dos meios de produção. Onde o trabalho artesanal, apenas para a sobrevivência, foi substituído pelo modo de produção industrial, com produção em série. Onde os trabalhadores não participavam de todas as fases de produção, surgindo assim a divisão da produção por etapas. Aumentando a produção e diminuindo o tempo, acarretou em mudanças sociais e econômicas

¹⁶ Ibid., p. 37

¹⁷ KRÚPSKAIA, Nadiéjda Konstantínovna. **Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos?”**. In: SCHNEIDER, Graziela (Org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 90

em vários países, mas isso não aconteceu na mesma intensidade. A formação do Capitalismo, bem como a Revolução Industrial se deu em fases distintas para cada país experimentado.

Este processo em torno dos desdobramentos da Revolução Industrial ocasionou a inserção da mão-de-obra feminina e infantil com salários mais baixos, jornadas extensas, a condição susceptível a acidentes, gerando exploração dentro da precarização das condições de vida e trabalho:

Trabalhando turnos seguidos, as mulheres operárias, apesar de continuarem responsáveis pelo trabalho doméstico, tiveram de abandonar o lar à sua própria sorte. Os problemas sociais se agravaram, entre eles, o índice de mortalidade infantil e materna. Sem tempo para amamentar os filhos, uma vez que muitas operárias eram chamadas ao trabalho dez a quinze dias depois do parto, as mães faziam o que podiam para manter seus filhos quietos enquanto trabalhavam.¹⁸

Não somente na Europa ocidental, ou até na Rússia, a precariedade da condição do trabalho feminino era visível. No Brasil, no mundo pós-abolição e na inserção do trabalho assalariado, isto foi visto em larga escala no processo de industrialização na passagem do século XIX para o XX. Segundo a historiadora Margareth Rago, “*Nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, grande parte do proletariado é constituída por mulheres e crianças*¹⁹”. Onde as mulheres eram vistas como frágeis, eram exploradas e colocadas em situações de extrema exploração e exclusão. Assim, nos informa Margareth Rago:

Apesar do elevado número de trabalhadoras presentes nos primeiros estabelecimentos fabris brasileiros, não se deve supor que elas foram progressivamente substituindo os homens e conquistando o mercado de trabalho fabril. Ao contrário, as mulheres vão sendo progressivamente expulsas das fábricas, na medida em que avançam a industrialização e a incorporação da força de trabalho masculina. As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido - pelos homens - como “naturalmente masculino”. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um “bom partido” para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões. Não socializar informações importantes era uma boa estratégia, e os homens se valiam dela procurando preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino²⁰.

A participação das mulheres no campo político era negligenciada e ignorada pelos homens. Mas suas participações saem do campo das ideias e começam a ter representação.

¹⁸ TOLEDO, op. cit., p. 38

¹⁹ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORI, Del Mary (org.); / **História das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi /Pinsky (coord. de texto) 9. Ed., 2º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010. p. 484

²⁰ Ibid., p. 581- 582

Outra associação de particular importância é a Liga Ravnoprávia Jênschin [Liga da Igualdade de Direitos das Mulheres]. Foi ela a responsável por organizar a histórica marcha das mulheres em 8 de março de 1917 (23 de fevereiro, no calendário juliano). Considera-se que esse protesto tenha sido o estopim das Revoluções Russas de Fevereiro e Outubro, quando milhares de operárias têxteis iniciaram uma greve geral e se manifestaram contra a fome, o tsarismo e o governo provisório, que não havia incluído o sufrágio feminino em sua agenda.²¹

Voltando ao cenário russo, a luta implementada pelo movimento feminista representava reivindicações amplas e buscavam participação na política, igualdade de direitos, incluindo o direito a voto e condições de trabalho melhores para as camponesas e operárias. Adicionados a isto, temas singulares, tais como amor livre, maternidade, divisão das tarefas domésticas, entre outros. A Rússia e posteriormente a União Soviética foram pioneiras na conquista dos direitos das mulheres. Luta por direitos que tem efeitos até hoje em nossa sociedade.

3. A Mulher na Revolução Russa: História e Historiografia

Segundo Wendy Z. Goldman, na sociedade russa pré-1917, havia a imposição de a partir do casamento, tornar a mulher uma espécie de “propriedade” do homem, já que, muitas vezes, este era um contrato e acontecia por conveniência: *De acordo com a lei, a esposa devia obediência completa a seu marido. Era obrigada a viver com ele, adotar seu nome e assumir sua posição social.*²² A mulher passava das mãos de uma figura masculina diretamente para outra. O casamento era uma instituição validada tanto pela Igreja quanto pelo Estado:

Era quase impossível divorciar-se na Rússia pré-revolucionária. A Igreja Ortodoxa considerava o casamento um sacramento sagrado que poucas circunstâncias podiam dissolver. Era permitido o divórcio somente em casos de adultério (testemunhado por pelo menos duas pessoas), impotência, exílio ou prolongada/inexplicada ausência de um cônjuge.²³

Nesta obra, a autora a partir da ótica das mulheres, pormenoriza acerca do cotidiano das mulheres no período pré e pós 1917. Informa a costumeira imagem da mulher que, apesar do trabalho fabril, teria as atividades domésticas enquanto obrigatórias. É o que diz:

Um rápido olhar pelas janelas imundas de qualquer dormitório de fábrica na Rússia do século XIX proporcionava amplo apoio para esse ponto de vista. As mulheres haviam ingressado na força de trabalho, mas ainda eram responsáveis por criar os filhos, cozinhar, limpar, costurar, remendar – o trabalho penoso e mecânico essencial para a família. As responsabilidades

²¹ SCHNEIDER, Gaziela (org.). **A Revolução das Mulheres: Emancipação Feminina na Rússia Soviética** / [tradução Cecília Rosas ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo 2017. p. 13

²² GOLDMAN, Wendy Z.. **Mulher, Estado e Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. Boitempo. 2014. p. 70

²³ Ibid., p. 71

domésticas das mulheres impediam-nas de ingressar nos domínios públicos do trabalho, da política e de empreitadas criativas em pé de igualdade com os homens.²⁴

Já segundo F. Engels

[...] a emancipação da mulher e sua equiparação ao homem são e continuarão sendo impossíveis, enquanto ela permanecer excluída do trabalho produtivo social e confinada ao trabalho doméstico, que é um trabalho privado. A emancipação da mulher só se torna possível quando ela pode participar em grande escala, em escala social, da produção, e quando o trabalho doméstico lhe toma apenas um tempo insignificante.²⁵

Para alcançar a emancipação, as mulheres precisaram enfrentar uma sociedade construída sob os signos políticos e sociais do czarismo absolutista, com forte influência patriarcal e economicamente rural. Além de políticas extremamente focadas na visão masculina, que menosprezavam qualquer pauta que incluísse direito das mulheres. A entrada de uma grande quantidade de jovens operários – que eram o único sustento familiar da época - na Primeira Guerra Mundial foi um fator decisivo para a mudança do papel dessas mulheres. Entretanto, essa incorporação feminina à indústria não as eximiu das tarefas domésticas:

(...) a guerra desorganizou a vida familiar “normal”. Arrancou de maridos e pais o papel patriarcal e impôs novas responsabilidades às mulheres – não somente os encargos óbvios, mas também liberdades e oportunidades ambíguas. Somados à desmobilização e à volta dos homens ao mercado de trabalho, que exacerbou o debate sobre o lugar da mulher, esses efeitos chamaram a atenção para a saúde da família.²⁶

Além de serem responsáveis pelas tarefas domésticas e criação dos filhos, se viram obrigadas a ingressar no trabalho fabril para prover seu sustento, com péssimas condições de trabalho e salários abaixo do que os homens recebiam. Sendo assim, o apoio de grande parte destas mulheres foi de extrema importância para o triunfo da Revolução. Apoio este que esteve presente no início do processo, com manifestações das mulheres, contra a fome, a pobreza, problemas, ainda, como as altas jornadas nas fábricas, condições de trabalho insalubres e sem higiene.

O que difere esses dois momentos históricos é que as mulheres na nossa atual conjuntura têm mais chances de se qualificarem e, conseqüentemente, serem independentes.

²⁴ Ibid., p. 21

²⁵ ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. tradução de Leandro Konder.--3.e.d.- São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 204

²⁶ ELEY, Geoff. **Forjando a Democracia: A História da Esquerda na Europa, 1850-2000** / tradução de Paulo Cezar Castanheira. - 1 ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 226

Ao contrário das mulheres na Rússia, onde a maioria não era alfabetizada e dependia do salário dos maridos.

Segundo Schneider, as primeiras manifestações sobre a emancipação feminina na Rússia surgiram a partir de autoras entre 1830 e 1840. Antes disso, as questões das mulheres eram tratadas em textos assinados por homens.²⁷ Assim como a divisão da educação e as condições para terem direito ao divórcio, restaurando a família tradicional.

No início do século XX, as mulheres ainda viviam em famílias patriarcais e sem nenhuma condição de serem independentes. As camponesas dependiam das terras da família para viver, e na cidade dependiam do salário dos maridos que trabalhavam nas fábricas. A Revolução Russa levantou questões femininas, mas isso não quis dizer que as mulheres soviéticas conquistaram uma vida feliz e igualitária comparada com a dos homens soviéticos.

As mulheres tinham poucas oportunidades nessas famílias patriarcais, mas, ao mesmo tempo, não poderiam viver independentemente da família nem cuidar da terra sozinhas. No campo, as mulheres dependiam, em geral, da família patriarcal para sobreviverem. As mulheres da classe trabalhadora também dependiam da família e do salário do marido. Sem terem acesso a um salário decente independente, não conseguiam sustentar suas crianças ou os pais idosos. Apesar de a primeira Constituição soviética ter facilitado o divórcio, camponesas e mulheres trabalhadoras não podiam sustentar suas famílias nem a si próprias sem terra e salário independentes.²⁸

Esse momento revolucionário foi apenas o estopim pelo qual as mulheres esperavam para fazer parte, política, familiar e socialmente, na Rússia. Mas os ideais que inspiravam as mudanças e o que era realmente vivido no cotidiano eram duas coisas bem diferentes. A submissão ao lar pela qual a mulher passava estava ligada à dificuldade de uma independência em relação ao homem:

E, ao mesmo tempo que sustentavam que o trabalho doméstico deveria ser separado por completo do lar, também apontavam a necessidade de as mulheres fazerem parte da produção, como trabalhadoras, conquistando assim uma independência econômica fundamental em relação aos homens.²⁹

A luta estava relacionada a uma sociedade em que as mulheres pudessem ser livres perante a lei e no cotidiano. Onde pudessem se desenvolver verdadeiramente. E para que isso acontecesse, era preciso que a socialização do trabalho doméstico fosse efetivada, como confirma Goldman: “Os revolucionários russos, portanto, avançaram nesse sentido socializando o trabalho doméstico por meio de lavanderias, creches e restaurantes públicos

²⁷ SCHNEIDER, Gaziela (org.). **A Revolução das Mulheres: Emancipação Feminina na Rússia Soviética** / [tradução Cecília Rosas ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo 2017. p. 11

²⁸ GOLDMAN, Wendy Z. **Mulher, Estado e Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. Boitempo. 2014. p. 11

²⁹ Ibid., p. 14

[...]”³⁰.

As reflexões bolcheviques em torno da libertação das mulheres estavam intrínsecas a interesses maiores que uma libertação material, o desejo era avançar sobre as relações sociais:

Mas a opressão milenar às mulheres não poderia ser transformada de um dia para o outro, e todo um processo de “revolução dentro da revolução” deveria avançar. Por isso reflexões acerca das formas de relação social, da criação coletiva das crianças e do amor foram tema de debates calorosos entre os pensadores revolucionários da Rússia pós-1917.³¹

A questão feminina vem até, mesmo, na representação da participação dela durante a revolução. Onde a maioria das obras que descrevem tais eventos são fruto de personalidades masculinas. Então, a participação feminina sobre feminismo, política, entre tantas outras áreas, tinha o intuito de conquistar seu espaço na sociedade. Diversas figuras teóricas feministas³² em diversas expressões do feminismo russo, lutaram para que suas vozes fossem ouvidas e seus direitos respeitados.

O feminismo luta contra a participação unicamente masculina na ordem social, enquanto os opositores desse movimento lembram apenas das obrigações que as mulheres têm, mas esquecem que elas também possuem direitos. O papel exercido pela mulher dentro do lar deve ser levado em consideração, mas que esse papel não se restrinja à autoridade que ela tem sobre seus filhos e sua casa. Pois essa mesma autoridade tem condição de se estender para outros âmbitos da vida social, como a política.

A influência feminina, direta ou indireta, na vida social e governamental sempre foi grande. Ela se fortaleceu ainda mais atualmente, visto que a consciência da mulher cresceu e as condições econômicas a forçaram a sair do apertado circuito da vida doméstica para se engajar na luta pela sobrevivência. Além disso, sendo mães, esposas e irmãs, as mulheres exercem uma autoridade que não pode ser desconsiderada.³³

A consciência feminina sobre seu potencial e seus direitos, assim como sua entrada no mercado de trabalho, são pontos essenciais para o fortalecimento da ideia de que a submissão pelo homem deve ser posta em debate. E para que isso aconteça, este trabalho

³⁰ GOLDMAN, Wendy Z.. **Mulher, Estado e Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. Boitempo. 2014. p. 15

³¹ Ibid., p. 15

³² Como por exemplo, Clara Zetkin (1867-1933) e Aleksandra Kollontai (1872-1952)

³³ KALMÁNOVITCH, Anna Andréievna. **Algumas palavras sobre o feminismo**. In.: SCHNEIDER, Gaziela (org.). *A Revolução das Mulheres: Emancipação Feminina na Rússia Soviética* / [tradução Cecília Rosas ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo 2017. p. 19

pretende levar em consideração os preceitos da visão bolchevique³⁴, que são: união livre, emancipação das mulheres através do trabalho assalariado, socialização do trabalho doméstico e definhamento da família.

Essa visão deveria enraizar na mentalidade da sociedade que a união livre entre as pessoas seria um caminho para relações mais saudáveis e independentes, onde a mulher não deveria ser vista como um produto nem propriedade do homem. A emancipação feminina através do trabalho assalariado, nada mais foi que, na realidade, uma forma da mulher ganhar uma dupla carga de trabalho. Pois, mesmo com a rotina fora de casa, a mulher continuou e continua até o tempo presente responsável pela manutenção do lar e pela educação e criação dos filhos. Essa dupla jornada, acabou impedindo uma emancipação feminina no seu sentido mais abrangente, que seja uma emancipação intelectual, onde estas poderiam estar em igualdade com os homens.

Segundo Goldman, *“As tarefas realizadas individualmente por milhões de mulheres não pagas em suas casas seriam assumidas por trabalhadores assalariados em refeitórios, lavanderias e creches comunitários”*³⁵. Na visão bolchevique, somente o socialismo seria capaz de colocar em prática uma divisão das tarefas domésticas, onde uma parte da criação dos filhos estaria nas mãos do estado. Onde seriam criadas creches para os filhos, enquanto as mulheres trabalhassem.

Só assim as mulheres se veriam livres para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens, desvincilhadas das tarefas domésticas de casa. As mulheres seriam educadas e pagas igualitariamente, e seriam capazes de buscar seu próprio desenvolvimento e seus objetivos pessoais. Sob tais circunstâncias, o casamento se tornaria supérfluo. Homens e mulheres se uniriam e se separariam como quisessem desassociados das pressões deformadoras da dependência econômica e da necessidade. A união livre substituiria gradativamente o casamento à medida que o Estado deixasse de interferir na união entre os sexos. Os pais, independentemente de seu estado civil, tomariam conta de seus filhos com a ajuda do Estado; o próprio conceito de ilegitimidade se tornaria obsoleto. A família, arrancada de suas funções sociais prévias, definharia gradualmente, deixando em seu lugar indivíduos completamente autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e no respeito mútuos.³⁶

As mulheres poderiam trabalhar, estudar, estar em pé de igualdade salarial e intelectual em relação ao homem. E assim, o casamento deixaria de ser de obrigatoriedade para elas. E assim as relações existiriam em comum acordo entre os pares, pois não existiria a

³⁴ A palavra bolchevique significa “maioria” no idioma russo. Essa palavra passou a ser usada, no começo do século XX, para designar os integrantes mais radicais do POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo). Esse partido foi fundado em 1898 e se opunha ao regime czarista de Nicolau II na Rússia. Disponível em <<https://www.suapesquisa.com/russa/bolcheviques.htm>>. Acesso em 10 de Setembro de 2019.

³⁵ GOLDMAN, op. cit., p. 21

³⁶ Ibid., p. 21

pressão da sociedade sobre dependência econômica e moral. Clara Zetkin defendia que existiam diferentes classes de mulheres e, com isso, existiam diferentes questões femininas. “*Em seus panfletos e conferências, estampava a causa feminina sob a perspectiva comunista e analisava a relação entre as classes sociais e a situação contraditória vivenciada por mulheres da burguesia e do proletariado*³⁷”, Tendo seus esforços em favor das mulheres trabalhadoras reconhecidos em 1907, quando finalmente estavam se formando estratégias para a libertação da mulher no político, no social e econômico:

Foi somente quando as rápidas mudanças do capitalismo impulsionaram números massivos de mulheres para os locais de trabalho e minaram rapidamente que os papéis sociais das mulheres na família que surgiu uma nova visão sobre a libertação das mulheres para responder às necessidades de uma audiência de massa. Porque, apesar das dificuldades criadas pela força de trabalho feminina, foi esse fato, acima de qualquer outro, que criou condições prévias para a independência das mulheres, para o questionamento dos papéis de gênero e para uma nova concepção de família, em suma, para uma nova base material à libertação das mulheres³⁸.

A luta dos bolcheviques pela libertação das mulheres estava ligada à entrada destas na classe trabalhadora assalariada, pois seria um primeiro passo para uma independência. A elaboração do primeiro código do casamento, da família e da tutela veio para dar uma alavancada nos ideais bolcheviques e dar fim aos costumes e leis antiquados. Baseado na liberdade de cada indivíduo e com igualdade de gênero:

A monogamia não aparece na história, portanto, absolutamente, como reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como forma mais elevada de matrimônio. Ao contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim [Trata-se de *A ideologia alemã*], encontro a seguinte frase: “A primeira divisão do trabalho é a que se faz entre o homem e a mulher para procriação dos filhos”. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, justamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros³⁹.

³⁷ CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em Ação: Revoluções, Protagonismo e Práxis dos Séculos XIX e XX**. Proj. História, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005 Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2265/1358>>. Acesso em 25 de Julho de 2019. p. 248

³⁸ GOLDMAN, Wendy Z.. **Mulher, Estado e Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936**. Boitempo. 2014 p. 78-79

³⁹ ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. tradução de Leandro Konder.--3.e.d.- São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 87

A monogamia não foi criada para afirmar o compromisso do homem para com a mulher e vice-versa, mas para dar total direito ao homem sobre a mulher. O desenvolvimento do homem se deu às custas da liberdade da mulher. O casamento na sociedade capitalista era transformado em uma relação econômica e era isso que o socialismo pretendia acabar.

Onde as pessoas deveriam se unir em casamento por decisão absolutamente livre. Com interesse na felicidade do indivíduo, sem interesses econômicos. Com o código, o casamento no civil passou a ser legitimado, deslegitimando o casamento religioso como único válido. O divórcio passou a ser facilitado, a desejo de qualquer um dos cônjuges. Esses direitos estavam na fronteira entre o velho e o novo mundo. E mesmo que ainda tivessem um longo caminho, era o começo de uma libertação feminina.

Os preceitos bolcheviques expostos, ressaltam uma sociedade onde não só as mulheres, mas os indivíduos, pudessem ter independência financeira, sentimental e intelectual. Levando, como já dito, ao definhamento da conhecida família tradicional:

A origem da opressão da mulher está, portanto, ligada às transformações ocorridas nas relações humanas desde as primeiras sociedades que se conhece. As descobertas antropológicas permitem afirmar que a mulher não nasceu oprimida, mas passou a sê-lo devido a inúmeros fatores, dentre os quais os decisivos foram às relações econômicas, que depois determinaram toda a superestrutura ideológica de sustentação dessa opressão: as crenças, os valores, os costumes, a cultura em geral. Em especial, a opressão da mulher está vinculada à existência da propriedade privada dos meios de produção, e apenas poderá ser superada com uma mudança total na infraestrutura das sociedades assentadas nesse tipo de relação⁴⁰.

A mulher ficava em casa cuidando dos filhos e das tarefas domésticas, como propriedade do marido, enquanto este trabalhava e era o único provedor de renda da prole. O casamento na sociedade capitalista era transformado em uma relação econômica e era isso que o socialismo pretendia acabar. Onde as pessoas deveriam se unir em casamento por decisão absolutamente livre. Com interesse na felicidade do indivíduo, sem interesses econômicos.

Alexandra Kollontai⁴¹ escrevia que o amor deveria fazer parte da vida das mulheres, mas que não fosse o mais importante. Que todas as mulheres pudessem ter a liberdade para escolher o que deveria ser foco em suas vidas. Por esse posicionamento, entre outros, foi acusada de ser defensora de um estilo de vida para as mulheres baseado na libertinagem. O que seus opositores usavam para impedir o apoio da população às suas ideias.

Mulheres militantes russas como Alexandra Kollontai, tiveram função de maior

⁴⁰ TOLEDO, Cecília. **A Mulher no Mundo do Trabalho**. In: Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. 2º edição. São Paulo: Sundermann, 2008. p. 33

⁴¹ Alexandra Mikhaylovna Kollontai (1872-1952) Nascida em São Petersburgo, em uma família aristocrática, foi escritora. Jornalista, revolucionária e política.

importância na disseminação dos ideais de libertação feminina e construção de uma nova sociedade a partir de uma profunda transformação social e econômica, já que os debates sobre os direitos das mulheres foram mais efetivos e avançados que em qualquer outra parte do mundo.

O capital arrancou a mulher do seio da família e não deu a contrapartida necessária para suprir o vazio que nela deixava. Nas famílias trabalhadoras, esse vazio era concreto e dramático: quem se encarregaria das tarefas domésticas? Lavar, passar, costurar, cozinhar? Quem tomaria conta das crianças pequenas? Quem as amamentaria? Quem cuidaria das hortas de subsistência com contribuição importante na economia doméstica? Enfim, quem cuidaria da reposição da força de trabalho, tão essencial para o funcionamento da engrenagem capitalista? Nada disso foi suprido pelo capital⁴².

Para Kollontai, a verdadeira libertação feminina viria a partir de uma nova ordem social. Pois, sem essas mudanças, ocorreria apenas um reforço dos privilégios já existentes para a burguesia. Uma vez que majoritariamente as famílias russas eram de origem camponesa. Onde a força de trabalho feminina era presente e muito mais explorada que a masculina. A revolução também deveria envolver mudanças em relação às relações, à socialização das tarefas domésticas, maternidade, assim como às relações amorosas.

Em 1918, foi criado o Primeiro Código Soviético da Família, onde foram criadas formas de garantir auxílio e emancipação feminina. Reinventando o lugar da mulher na família. Ela agora teria domínio sobre suas escolhas econômicas, sexuais e sobre o divórcio, onde qualquer um dos cônjuges poderia entrar com pedido de separação. Juntamente com o reconhecimento legal do casamento civil. Sendo assim, as pessoas tinham suas individualidades respeitadas:

As medidas adotadas por esses dois decretos foram confirmadas e ampliadas pelo Código das Leis sobre o Casamento, Família e Tutela, promulgado no final de 1918. Por meio do Código de 1918, o casamento religioso perdeu validade jurídica, embora pudesse ainda ser realizado, caso pessoas desejassem poder marital é completamente suprimido, sendo reconhecendo o direito da mulher à autodeterminação econômica, social e sexual. As pessoas podem escolher, no registro de casamento, um nome comum de família, podendo ser o do marido ou da esposa, ou conservar cada qual seu nome⁴³.

A ausência de direitos femininos, como isonomia salarial, que proporcionaria a independência financeira, fez deslanchar a violência contra a mulher. Naturalizando essa opressão. Em 1919, foi criado o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Mulheres do

⁴² Ibid., p. 38

⁴³ SEVERI, Fabiana Cristina. **Legislação familiar soviética e utopias feministas**. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, 2017, p. 2299

Partido, o *Zhenotdel*⁴⁴, uma organização composta por operárias, camponesas e donas de casa, com o objetivo de romper com a opressão sofrida pelas mulheres e acarretar uma emancipação feminina de forma oficial. A dificuldade para conseguir emprego era outro empecilho para a independência das mulheres. A função do departamento não era promover uma libertação instantânea das mulheres, mas impulsionar o movimento para que isso chegasse a acontecer um dia.

4. Considerações finais

Este trabalho teve como propósito abordar como a participação feminina na Revolução Russa pode proporcionar às mulheres uma oportunidade de lutar por seu espaço na vida pública. Sem deixar de analisar como as tarefas na vida privada do lar eram importantes, mas muitas vezes negligenciadas. Fazendo-se necessário o debate acerca das desigualdades e opressões vividas pelas mulheres.

Mesmo sendo um dos primeiros países a levantar a pauta dos direitos femininos, a Rússia soviética tinha como obstáculo a ideologia patriarcal enraizada em seu cenário. Além de uma sociedade fundamentada na economia do campo. O que dificultou ainda mais o processo de difusão das convicções bolcheviques para construção de uma “nova mulher”. Mas a experiência soviética tem relevante contribuição para a agenda feminista da época e, obviamente, para a atualidade.

Observando a situação pelo olhar destas, percebe-se como as tarefas domésticas associadas totalmente à figura feminina impossibilitavam as mulheres de conquistar uma verdadeira emancipação pessoal e sobre seu próprio corpo. Bem como a organização da classe trabalhadora foi capaz de levar a representação feminina para uma grande expressão pública, com personalidades importantes para a categoria, principalmente nos anos iniciais da revolução.

A conquista de quaisquer direitos é fruto de lutas políticas enfrentadas pelas mulheres e que devem continuar, haja vista que esses direitos não possuem garantia de permanência. Podendo passar por retrocessos, como foi visto na antiga União Soviética. Essa experiência deixou legados visivelmente importantes para os movimentos feministas atuais, como a possibilidade de expandir as igualdades entre homens e mulheres, em relação à divisão de tarefas domésticas, equidade financeira das mulheres e o poder de decisão sobre seus corpos e

⁴⁴ Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas do Partido Bolchevique.

sexualidade.

O processo revolucionário foi ocorrendo ao passo de lentas transformações nas condições de vida e trabalho da população feminina. Mudanças essas que transcorreram em escala nacional e internacional desde meados do século XIX, ocupando espaços, ganhando adeptos, confrontando a antiga ordem social e contando com importantes contribuições de notáveis personagens, como a educadora brasileira Nísia Floresta, que entendia as mulheres como parte importante da construção dos espaços científicos da sociedade. Assim como Alexandra Kollontai, militante russa feminista, que tinha ideais de libertação feminina, baseados em uma nova organização social com princípios socialistas. Entre outras.

Levando em consideração esses aspectos, conclui-se que é clara a importância feminina na historiografia. E essa seria uma outra árdua tarefa do socialismo, superar e ideologia patriarcal reproduzida há centenas de anos, colocando fim nas relações de opressão fundamentadas na sexualidade. A implantação do socialismo seria uma das condições para a emancipação feminina, embora não seja suficiente. Colocar as pautas feministas, feitas pelas mulheres na agenda de luta dos trabalhadores. Uma tarefa que deveria ser feita por toda classe a trabalhadora em busca de uma emancipação humana.

5. Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, R. **Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas.** Revista Água Viva, v. 1, n. 1, 14 abr. 2011.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **Mulheres em Ação: Revoluções, Protagonismo e Práxis dos Séculos XIX e XX.** Proj. História, São Paulo, (30), p. 243-264, jun. 2005
Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2265/1358>>. Acesso em 25 de Julho de 2019.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** tradução de Leandro Konder.--3.e.d.- São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ELEY, Geoff. **Forjando a Democracia: A História da Esquerda na Europa, 1850-2000** / tradução de Paulo Cezar Castanheira. - 1 ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

GOLDMAN, Wendy Z.. **Mulher, Estado e Revolução: Política da família Soviética e da vida social entre 1917 e 1936.** Boitempo. 2014.

ITAQUY, Antônio Carlos de oliveira. **Nísia Floresta: ousadia de uma feminista no brasil do século XIX.** Porto Alegre, 2013.

KALMÁNOVITCH, Anna Andréievna. **O movimento feminista e a relação dos partidos com ele.** In: SCHNEIDER, Graziela (Org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017.

KRÚPSKAIA, Nadiéjda Konstantínovna. **Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos?.”** In: SCHNEIDER, Graziela (Org.). A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética. São Paulo: Boitempo, 2017.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: PRIORI, Del Mary (org.); / História das Mulheres no Brasil. Carla Bassanezi /Pinsky (coord. de texto) 9. Ed., 2º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Bolcheviques.** Disponível em <<https://www.suapesquisa.com/russa/bolcheviques.htm>>. Acesso em 10 de Setembro de 2019.

SCHNEIDER, Gaziela (org.). **A Revolução das Mulheres: Emancipação Feminina na Rússia Soviética** / [tradução Cecília Rosas ... [et al.]]. - 1. ed. - São Paulo : Bitempo 2017.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In: : BURKE, Peter. (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução Magdalena Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SEVERI, Fabiana Cristina. **Legislação familiar soviética e utopias feministas**. Rev. Direito e Práx., Rio de Janeiro, Vol. 08, N.3, 2017.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. **Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX, Vozes dos Vales**. Minas Gerais, out. de 2012. Disponível em <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf>. Acesso em 26 de maio de 2019.

SIRELLI, Paula Martins; CRUZ, Suenya Santos. **O Protagonismo das Mulheres na Revolução Russa: dos antecedentes ao legado**. Marx e o Marxismo - Revista do NIEP-Marx, Rio de Janeiro, 23 de ago. de 2017. Disponível em <<http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/229>>. Acesso em 17 de jun. de 2019.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia / Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro : Elsevier, 1997 – 14^o Reimpressão. p. 275-296

TOLEDO, Cecília. **A Mulher no Mundo do Trabalho**. In: Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. 2^o edição. São Paulo: Sundermann, 2008.

_____ **Reflexão sobre a Origem da Opressão da Mulher**. In: Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. São Paulo: 2^o edição. Sundermann, 2008.